

# hora de espera

por Rodrigues Faria

Então, o tí' Gonçalo, olhos fitos na calmaria do Tejo, abanou os ombros em tom de desdém:

—Os pobres são o sobejo do mundo... Como o pescado mítido, quando a safra é de grelar o olho:—bota-se fora!... E franziu a testa.

Os outros não deram resposta; o tí' Gonçalo tinha sempre razão.

Embrulhadas nos mastros, as velas iam apodrecendo por falta de carregos. Os homens moíam-se num descanso que enfastiava:—não havia trabalho.

Um «mercadorias» gritou na linha, resfolegando, embalado.

O Marujo enfiou as mãos nos bolsos descosidos e interrompeu o sossêgo:

—Isto é que nos entortou a vida. Os combotes... Tudo mais depressa!

O Carrancha não era da mesma opinião. «As «caminetes», sim, estragavam mais o arranjinho».

Na proa dum lugre, um cão ladrrou ao cais para matar a preguiça.

O tí' Gonçalo, olhos ainda fitos no azul limpo do rio, ajeitou-se na prancha e despediu, compassado:

—Se «nan» fôsse isso... era outra coisa. Os pobres nunca deviam vir ao mundo!... E franziu a testa.

Os outros não deram resposta; o tí' Gonçalo tinha sempre razão.

O Chota ressonava alto, cabeça de encontro à saca enrolada em forma de travessel-ro.

Os vultos das fragatas saracoteavam na margem um desenho indeciso.

Os homens continuaram calados, a remcer pensamentos. Um silêncio palrador. As caras falavam pelas bocas:—não havia trabalho. E eles à espera, sempre à espera...

O Chota e o Carrancha aguardavam barco para a descarga.

Perto da taberna, um pedinte tremeu os beiços e levou a mão ao boné esfiado. Pés negros, disformes, que nunca sentiram calçado.

«Seu» Vitor ralhou logo.

—«Qué» quere? Vá trabalhar, tem bom corpo!

O outro levantou a calça e ofereceu as mazelas da carne. Depois, veio, devagar, devagar, e sentou-se numa ponta da prancha.

O Marujo entabulou conversa.

—Olá, irmão...

—Bca tarde...

—Então por vá? Vai uma «bicha»?

Sentiram-se mais à vontade. O fumo subiu no ar, a desfazer-se. O calor apertava a garganta.

Membros adormecidos, o Chota acordou de repente.

Pá, dás-dás-me um ci-ciga-a-irro?

O Carrancha fez troça da fala do companheiro:

—Desembucha! Tens sempre a guela entupida...

E passou-lhe a onça.

Dividiram melhor a prancha entre todos. O pedinte desatava um saco.

—Você é daqui?

—Não, não era dali. A sua terra ficava para cima—Cabaços. Faltara-lhe o trabalho e metera-se a pé, caminho adiante. Uma estopada dos diabos. Estava que não se lhe podia bullr».

Mastigou um bocado de pão. Ofereceu:

—São servidos? O que tenho é para quem quere...

Os outros abanaram a cabeça.

O tí' Gonçalo tinha os olhos no rio. O sol esbraseava tudo.

«Pois, era verdade. Deitara té cá baixo a julgar coisas melhores. Por toda a parte o mesmo:—Não havia trabalho. E quando havia...»

O Marujo ensaiou careta de quem não percebe.

O outro continuou:

—E' qu'eu já trabalhei aqui. Pagavam-me a seis! Fazia uma sopita de banha, umas azeitonas e aquilo... passava... Mas não tinha vintém! Os patrões adiantavam-me vinte e cinco tostões por dia... O resto, não me pagaram... Tive de dar o fora!

O Chota fechou o punho numa ameaça.

—Quan-quantum ma-ais têm, mais-mais-mais quem!...

Os outros não riram.

O tí' Gonçalo machucava a barba, fitando o brilho do Tejo.

A sacudir o pó da saca, o Carrancha berrou para o fundo do cais:

—Tí' Manel!!! Prepare uma garrafito!

Começou a casalar tostões.

O Marujo teimava em pagar. O Carrancha queria zangar-se.

—Quem pediu fui eu:—de pobre «nan» passo, a rico «nan» chego...

Um barco abriu a água, em direção ao Cabo. Atrás, a espuma enrodilhava o leme.

Os homens à espera, sempre à espera...

O Marujo comprou tremoços. A rir alto, num esquecimento de mágoas, fez a apresentação:

—Esta é a Natalina dos bolos! Desta idade e ainda rija «pó» serviço...

—O' filho, já lá vai o tempo! Não era de esquisitices. Agora, engelhou!...

E mostrou as gengivas brancas, numa gargalhada sem cor.

Dum trago, o Chota esvaizou uma parte da garrafa.

Os outros comentaram:

—Se falasses tão depressa como engoles...

O pedinte acalmou a sede com três goladas.

—Ahhhh!

Aos poucos, foi-se tornando palreiro: «tudo que viesse, morria; era um az na pinga. Para ler e escrever nunca dera nada. Também, a culpa não fóra dele. Culpa? Sabia lá quem a tinha».

A garrafa foi passando de mão em mão.

Dois salpicos de vinho sumiram-se na barba crescida do tí' Gonçalo. Depois, olhos na quietude da água, sentenciou:

—A culpa é do mundo, dos que sabem ler e escrever!

E franziu a testa.

Os outros não deram resposta; o tí' Gonçalo tinha sempre razão.

O Carrancha trouxe mais tremoços.

O vigor do sol ia esmorecendo.

Os homens à espera, sempre à espera...

Canastra despejada, varinas vinham chegando da faina.

O pedinte escondeu no saco uns restos de pão. «Tinha de dar umas voltas: ir ao hospital, descobrir uma esteira. Estava a fazer-se tarde».

Um garoto passou correndo, descalço, aos gritos pela mão.

O Carrancha e o Chota aguardavam barco para a descarga.

No fim do cais, o pedinte descobriu alguém de bom aspecto para a colheita. Tinha as pernas presas de estar sentado. «Bem, éle ia tratar da vidinha».

—Até à vista, irmãos... «Brigado» e «felicidades»!

Agradeceram; ficaram a vélo, curvado, saco ao ombro, pés largos, pés que nunca sentiram calçado.

A caloraça ia amainando pela tarde dentro.

O tí' Gonçalo continuava a olhar o Tejo.

—«Felicidades»!!! Como se os pobres acreditassem na «felicidade»... Foi água que já deu peixe!...

E franziu a testa.

Os outros não deram resposta; o tí' Gonçalo tinha sempre razão.

## TRANSCRIÇÕES

—A revista brasileira *No que se pensa HOJE*, que se publica em S. Paulo, transcreveu o artigo do nosso camarada Afonso Ribeiro «*Sobre 3 livros brasileiros*».

—Também o semanário *O Montemorense* transcreveu do nosso número anterior o n.º 3 da «*Linha quebrada da nossa época*...».

Agradecemos.



sol nascente



cinco